

BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

BOLETIM DOS PASTORINHOS – JULHO - SETEMBRO 2004 (ANO 42)



FÁTIMA E A MODERNIDADE – PROFECIA E ESCATOLOGIA (3)

(continuação)

3. *Num horizonte de fé cristológica e trinitária*

Por fim, toda a mensagem de Fátima é-nos apresentada num horizonte de fé cristológica e trinitária. Aqui encontramos o contexto próximo em que está inserida a dimensão eucarística.

A mensagem de Fátima na sua totalidade consta de três ciclos:

o ciclo angélico (aparições do anjo - 1916), o ciclo mariano (aparições de Nossa Senhora de 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917) e o ciclo do Coração de Maria (aparições de Pontevedra em 1925-1926 e de Tuy - 1919).

A meu ver, as aparições do Anjo e a última aparição em Tuy constituem, respectivamente, o pórtico de entrada e a chave de abóbada, à luz dos quais deve ser enquadrada e perspectivada toda a mensagem. É nelas que aparece vinicamente o mistério eucarístico em relação íntima com o mistério trinitário.

Na primeira aparição, o Anjo comunica e suscita nos videntes o espírito de adoração reparadora na fé, esperança e caridade através de uma oração simples e bela: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos; peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não speram e não Vos amam».

Na segunda aparição suscita o espírito de sacrifício através do sacrifício quotidiano.

E na última, explícita e concretiza o espírito de adoração sacrificial numa dimensão trinitária e eucarística, através da oração e da comunhão, conferindo-lhe uma finalidade reparadora.

A oração do Anjo é extremamente iluminante:

«Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, eu Vos adoro profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrifícios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.»

Já na primeira aparição de Nossa Senhora, a 13 de Maio, quando a graça de Deus lhes é revelada e comunicada sob a forma

de «Luz tão intensa..., que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus que era essa luz», os videntes rezaram intimamente: «Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento».



Tuy , 13 de Junho de 1929 – Visão da Santíssima Trindade

Por fim, temos a última aparição em Tuy. Qual abóbada, remata e sintetiza toda a mensagem nessa visão deslumbrante que compendia num só e único olhar o mistério da Trindade, o sacrifício redentor da Cruz, o sacrifício eucarístico e a presença e participação singular de Maria sob a cruz, com o Seu Coração Imaculado em todo este mistério da salvação do mundo:

«Eu tinha pedido e obtido licença das minhas Superiores

e Confessor para fazer a Hora-Santa das 11 à meia-noite, de quintas para sextas-feiras. Estando uma noite só, ajoelhei-me entre a balaustrada, no meio da capela, a rezar, prostrada, as Orações do Anjo. Sentindo-me cansada, ergui-me e continuei a rezá-las com os braços em cruz. A única luz era a da lâmpada. De repente iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao tecto. Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cinta, sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um cálix e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e duma ferida do peito. Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálix. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora («era Nossa Senhora de Fátima com o Seu Imaculado Coração... na mão esquerda, ... sem espada, nem rosas, mas com uma Coroa de espinhos e chamas...»), com o Seu Imaculado Coração na mão... Sob o braço esquerdo, umas letras grandes, como se fossem de água cristalina que corresse para cima do Altar, formavam estas palavras: «Graça e Misericórdia».

Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima

Trindade e recebi luzes sobre este mistério que não me é permitido revelar».

É interessante notar como esta representação da Trindade na Cruz é chamada na iconografia cristã “Trono da Graça”, pela evocação da passagem de Heb 4, 14-16: «Tendo portanto um Sacerdote eminente que penetrou nos céus, Jesus, o Filho de Deus, conservemos firme a confissão de fé. De facto, não temos um Sumo Sacerdote incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, excepto no pecado. Vamos pois confiantes ao trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para ser ajudados em tempo oportuno». E como não evocar ainda, por associação, o prólogo de São João onde nos apresenta o Verbo Encarnado como «O Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade», isto é, de amor misericordioso e fiel, de «cuja plenitude todos nós recebemos graças sobre graças» (Jo 1, 14-16)?

Além disso, a arte iconográfica exprimi por vezes este mistério com mais profundidade e finura do que certas teologias académicas. Tal acontece na tradição iconográfica do Ocidente, quando apresenta e representa como que numa estética teológica o mistério trinitário no madeiro da Cruz. É como uma síntese plástica desta teologia: o Pai que entrega o Filho para ser solidário com os homens, e sofre na dor do seu amor; o Filho que se entrega a si próprio totalmente pela multidão dos irmãos; a pomba do Espírito de Amor que sustenta o Filho na sua entrega e que, por sua vez, é entregue pelo Filho à humanidade como dom do seu amor sofredor.

É este mistério de amor que celebramos na Eucaristia.

Conclusão

Graça e Misericórdia, Graça do Amor misericordioso – é esta portanto a síntese da mensagem de Fátima e da revelação do Deus compassivo que, no Seu Amor Trinitário, se inclina sobre todos os sofrimentos humanos, sobre a humanidade para fazer-lhe sentir toda a Sua ternura, para Se manifestar como Pai amoroso de toda a criatura.

Compreendemos então como o Papa Wojtyła, recordando o octogésimo aniversário das aparições de Fátima, escrevia, numa mensagem ao bispo local:

«Às portas do Terceiro Milénio, observando os sinais dos tempos neste século XX, Fátima conta-se certamente entre os maiores, até porque anuncia na sua Mensagem muitos dos sinais sucessivos e convida a viver os seus apelos; sinais como as duas guerras mundiais, mas também grandes assembleias de Nações e Povos sob o signo do diálogo e da paz; a opressão e as convulsões vividas por diversos países e povos, mas também a voz e a vez dadas a populações e gentes que entretanto se levantaram na arena internacional; as crises, as deserções e tantos sofrimentos dos membros da Igreja mas também um renovado e intenso sentido de solidariedade e de recíproca dependência no Corpo Místico de Cristo, que se vai consolidando em todos os baptizados...; o afastamento e abandono de Deus da parte de indivíduos e sociedades, mas também uma irrupção do Espírito de Verdade nos corações e nas comunidades tendo-se chegado à imolação e ao martírio para salvar a “imagem e semelhança de Deus no homem” (Gn 1,27), para salvar o homem do homem.

De entre estes e outros sinais dos tempos, como dizia, sobressai Fátima, que nos ajuda a ver a mão de Deus, guia providente e Pai paciente e compassivo também deste século XX».

À luz destas chaves hermenêuticas, Fátima apresenta-se como

um sinal de Deus para a nossa geração, uma palavra profética para o nosso tempo, uma intervenção divina na história humana mediante o rosto materno de Maria.

Quando Maria se move para uma missão recebida de Deus, nunca é por algo de pouca importância ou por questões marginais, já que se trata sempre do grave problema da sorte (destino) do mundo e da salvação dos homens.

Pensando bem, portanto, as coordenadas da mensagem de Fátima são amplas e contêm teologicamente uma profecia à luz da escatologia. «A profecia, no sentido bíblico do termo, não significa predizer o futuro, mas sim aplicar a vontade de Deus ao tempo presente, e por conseguinte, indicar o caminho recto do futuro».

Por outro lado, as vicissitudes da humanidade e da Igreja devem ser submetidas ao critério escatológico ou do fim último. Somente abrindo os horizontes sobre a eternidade e proclamando a esperança teologal é possível iluminar o sentido da história aberta ao futuro de Deus e opor-se ao mal que ameaça a humanidade. Neste sentido, na mensagem de Fátima a premonição do “juízo” que impende sobre o mundo como possibilidade de auto-destruição infernal, isto é de acabar reduzido a cinzas, é anunciada juntamente com a esperança de vencer o mal a partir da nossa conversão a Deus. A mensagem de Fátima é portanto advertência e, ao mesmo tempo consolação da esperança teologal: o mal é vencido pelo amor trinitário revelado na cruz e ressurreição de Jesus, e pelo amor de Maria por nós.

AS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA (2)

A TERCEIRA APARIÇÃO

«Momentos depois de termos chegado à Cova da Iria, junto da carrasqueira, entre numerosa multidão de povo, estando a rezar o terço, – escreve a Irmã Lúcia – vimos o reflexo da costumada luz e em seguida Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

– Vossemecê que me quer? – perguntei.

– Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem o rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só ela Ihes poderá valer.

– Queria pedir-lhe para nos dizer quem é, para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.

– Continuem a vir aqui todos os meses, em Outubro direi quem sou, o que quero, e farei um milagre que todos hão-de ver para acreditar.

Aqui fiz alguns pedidos, que não recordo bem quais foram. O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezar o terço por alcançar as graças durante o ano. E continuou:

– Sacrificai-vos pelos pecadores, e dissei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: «O Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.»

O texto que segue, nesta narração, fazia já parte do segredo que, em 1917, Nossa Senhora pediu aos Pastorinhos não contassem a ninguém e que eles não revelaram nem mesmo quando o Administrador os prendeu e ameaçou mandar fritar em azeite a ferver. Só em 31 de Agosto de 1941, na carta escrita em Tuy ao Bispo D. José Alves Correia da Silva, Lúcia diz ser «chegado o momento» de falar do segredo, acrescentando:

«Bem; o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar.

A primeira foi, pois, a vista do inferno!

Nossa Senhora Ao dizer estas palavras, abriu de novo as mãos como nos dois meses passados. O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo, mergulhados nesse fogo os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que deles mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo de todos os lados semelhante ao cair das faúlhas nos grandes incêndios, sem peso, nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor.

Devia ser ao deparar-me com este visão que dei esse Ai, que dizem ter-me ouvido.

(No jornal *O Século*, de 23 de Julho de 1917, lia-se: «ouviu-se um ruído semelhante ao ribombar do trovão, prorompindo as crianças num choro aflitivo, fazendo gestos epiléticos e caindo depois em êxtase.»)

Os demónios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa. Esta visão foi um momento, e graças à Nossa boa Mãe do Céu, que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu. Se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e pavor. Assustados e como que a pedir socorro, levantámos a vista para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza:

- Vistes o inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz: a guerra vai acabar. Mas se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite iluminada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia converter-se-á e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja, os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas: por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal conservar-se-á sempre o dogma da fé, etc.»

Quanto à terceira parte do segredo, encontrando-se Lúcia doente, em Tuy, descreveu-a em 3 de Janeiro de 1944, também por ordem do Bispo de Leiria, entregando-a num envelope fechado. O conteúdo dessa carta foi revelado pelo Cardeal Sodano, só no dia da solene beatificação de Francisco e Jacinta, a 13 de Maio de 2000 em Fátima, tendo sido comentado teologicamente pelo Cardeal Ratzinger, Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, em Roma, a 26 de Junho de 2000.

Lúcia diz nessa carta:

«Escrevo em acto de obediência a Vós Deus meu, que mo mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao centilar, despedia chamas que parecia iam encendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa

Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos numa luz imensa que é Deus: “algo semelhante a como se vêem as pessoas num espelho quando Ihe passam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Varios outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que Ihe dispararam varias tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, neles recolhiam o sangue dos Mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus.»

Continuando a carta de 31 de Agosto de 1941:

« – Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco sim, podeis dizê-lo. Quando rezardes o terço, dissei depois de cada mistério: Ó meu Jesus, perdoai-nos livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o céu, principalmente aquelas que mais precisarem.

Seguiu-se um instante de silêncio e perguntei:

– Vossemecê não me quer mais nada?

– Não, hoje não te quero mais nada.

E como de costume começou a elevar-se em direcção ao nascente até desaparecer na imensa distância do firmamento.»

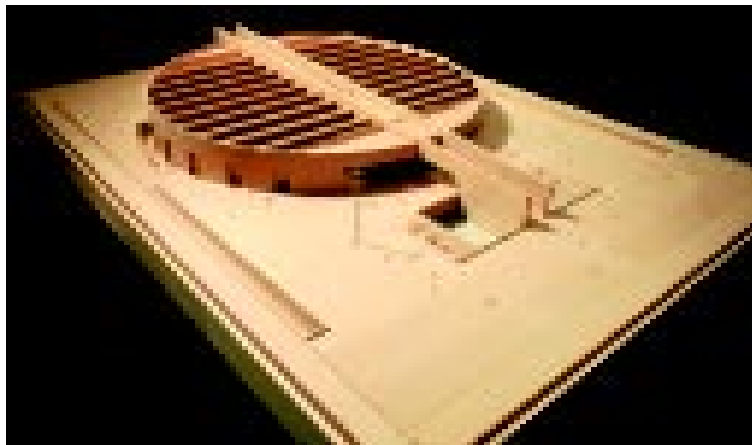
12/13 DE MAIO DE 2004

Para comemorar o 87º aniversário da aparição de Nossa Senhora aos três Pastorinhos, em 13 de Maio de 1917, veio de Roma o Cardeal Renato Raffaele Martino, Presidente do Pontifício Conselho da Justiça e da Paz para presidir à Solene Concelebração de 25 bispos e 340 sacerdotes, em que tomaram parte muitos milhares de peregrinos.

No início da sua homília recordou a vinda do Papa João Paulo II a Fátima, para beatificar os dois Pastorinhos Francisco e Jacinta e para propôr, uma vez mais, a mensagem de esperança e de paz de Nossa Senhora. «Partindo de Fátima – afirmou o Santo Padre alguns dias depois – difunde-se em todo o mundo uma mensagem de conversão e de esperança, uma mensagem que, em conformidade com a revelação cristã, está profundamente inserida na história. Precisamente a partir das experiências vivenciais, essa mensagem convida os crentes a rezar assiduamente pela paz no mundo e a fazer penitência para abrir os corações à conversão. Este é o Evangelho genuíno de Cristo proposto novamente à nossa geração, particularmente atormentada pelos acontecimentos passados. O apelo que Deus nos fez chegar através da Virgem Santíssima conserva intacta, ainda hoje, toda a sua actualidade» (Audiência Geral, 17 de Maio de 2000).

Na sua homília Cardeal Martino apresentou Fátima como uma mensagem de esperança, ligando-a ao Evangelho de S. João, que foi lido durante a missa, e que, como explicou, «contém uma das revelações mais consoladoras e, ao mesmo tempo, mais exigentes que Nosso Senhor Jesus Cristo nos legou, quase como

um testamento, no momento supremo da Sua Paixão. O aspecto que mais sobressai nesta passagem do Evangelho é, como o Evangelista S. João sublinha a dimensão comunitária e eclesial do amor. Essa dimensão tem o seu fulcro nas palavras que Jesus dirige a Sua mãe e ao discípulo. Não é certamente possível excluir que esse acto de Jesus represente um gesto de piedade filial com o qual confia Sua mãe ao discípulo predilecto. Mas também não é possível ficar por aqui. São várias e convergentes as indicações que não nos permitem fazê-lo. Antes de mais, o contexto rico e solene do Calvário, em que está colocada esta breve narração. Depois, a palavra que Jesus usa, mulher, uma palavra cheia de ecos do Antigo Testamento. Por fim, o paralelismo evidente com o episódio do milagre de Caná (2,1-11). É certo que a mãe de Jesus e o discípulo que Ele ama são personagens reais e não puramente simbólicas. Todavia, o contexto convida-nos a descobrir nelas um significado mais amplo: essas personagens reais são chamadas a desempenhar um papel tipológico e representativo. Maria não é chamada pelo seu nome, mas por mãe (mãe de Jesus, tua mãe, nossa mãe) — não um nome, mas uma função, um símbolo, ou talvez, melhor ainda, uma representação. E o discípulo também não é indicado pelo seu nome, mas como o discípulo que Jesus ama: também ele desempenha o papel de uma figura representativa. Compreende-se, assim, que a mãe de Jesus assuma a figura da mãe do discípulo e de todos os discípulos. Por sua vez, o discípulo amado representa todos os que acreditam em Jesus. O último acto de Jesus, antes de morrer, foi o de fundar uma comunidade de amor, nas pessoas da mãe e do discípulo amado. Podemos concluir que, nesta ‘cena do Calvário, surge, ainda que escondida, uma nova personagem: a comunidade. Da Cruz nasce a comunidade. Da Cruz nasce a Igreja. Neste natal da Igreja encontramos Maria, a mãe. A sua presença no momento fontal do povo de Deus constitui a indicação, teológica e espiritual, de que Ela é perenemente, ontem como hoje, a nossa esperança, a esperança da Igreja, a esperança do mundo.»



maqueta da nova igreja da Santíssima Trindade

«Acontece-nos muitas vezes sentirmo-nos sem esperança, quase perdidos e incapazes de dar um rumo seguro ao caminho da nossa existência. Cheios de coisas, mas com o coração vazio; atormentados pelos acontecimentos, mas pobres porque incapazes de lhes dar um significado; forçados a seguir em frente, mas sem saber para onde ir. Uma crise de esperança que nos faz percorrer os caminhos da nossa história pessoal e colectiva não como peregrinos determinados a chegar a uma meta, mas como vagabundos errantes, ignorando as indicações do roteiro... Pretendemos fazer tudo sem Deus... Não temos outra alternativa senão a voltar para Deus, convertendo o nosso coração... Recorreremos por isso a Nossa Senhora de Fátima para que eduque os nossos corações para a esperança e as

nossas almas para os gestos de caridade e nos ajude a tecer, junto de nós e no mundo inteiro, uma teia de solidariedade que dê sentido e valor às nossas relações interpessoais, sociais e políticas. Maria é a mãe que nos dá esperança, que nos conduz à fonte da esperança... A esperança e o amor devem ser o nosso programa de vida.

Agraciados pela solicitude maternal de Maria Santíssima, também nós devemos tornar-nos testemunhas da esperança para os nossos irmãos; testemunhas de uma esperança que se traduz na caridade...

De Nossa Senhora de Fátima aprenderemos a viver o tempo presente no modo em que ele deve ser vivido, isto é, como tempo que nos é concedido para amar a Deus e os nossos irmãos. Assim, Nossa Senhora será o nosso viático quotidiano da esperança.»

NOVA IGREJA PARA O SANTUÁRIO

Na festa da Santíssima Trindade, foi colocada a primeira pedra da igreja da Santíssima Trindade. Benzida e oferecida por João

Paulo II, em 9 de Março deste ano, essa pequena pedra mármore foi retirada do sepulcro do Apóstolo S. Pedro, sobre o qual se edificou, em Roma, a Basílica com o seu nome.

O Bispo de Leiria-Fátima presidiu à cerimónia e implorou o auxílio divino para a obra que «se destina a acolher os verdadeiros servidores de Deus...» Pela intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria e dos Beatos Francisco e Jacinta Marto –

orou o Bispo, – seja esta obra um convite permanente à oração e à penitência, na reconciliação e na paz, como pediu Nossa Senhora em Fátima.

Considera o Santuário de Fátima que a oferta do Santo Padre cumprirá melhor a sua missão se permanecer à vista de todos os visitantes e, por isso, decidiu colocá-la, após a conclusão da igreja, num local que possa tornar mais patente a unidade de Fátima com a cátedra de Pedro. Foi, por isso, colocada na raiz do edifício, uma outra pedra, tirada do maciço rochoso da escavação das obras.

Inaugurou-se na tarde desse dia, uma exposição que mostra o projecto, uma maquete da igreja, enquadrada na zona envolvente do Santuário, cuja inauguração está prevista para o dia 13 de Maio de 2007.

A igreja será composta de dois grandes corpos: o da reconciliação e o da própria igreja, que se estenderá por um círculo de 125 metros de diâmetro e terá possibilidade de divisão em dois espaços separáveis por uma cortina sólida, com capacidades respectivas de 3.000 e 9.000 pessoas sentadas.

